

A Tecnologia e a Invenção do Corpo Contemporâneo¹

Renata Rezende²

Universidade Federal do Espírito Santo/ Universidade Federal Fluminense

Resumo

Este artigo pretende analisar as diversas representações do corpo em sua passagem da Modernidade (Pós Revolução Industrial) à Contemporaneidade, na medida em que o capitalismo o apropria como objeto de saber e poder, utilizando as tecnologias da informação, como dispositivos de controle, para a formatação das subjetividades e para o estabelecimento de novos modelos de corpos.

Palavras-chave – Corpo; Tecnologia; Subjetividade; Capitalismo;

O século XXI é cenário de uma série de transformações decorrentes dos novos valores instaurados nas sociedades Ocidentais. A tecnologia com base na informação transformou nosso modo de pensar, produzir, consumir, comunicar. Alterou nosso modo de viver. Presenciamos mudanças tanto no plano das realidades sócio-político-econômicas quanto nos modos de subjetivação, que parecem indicar transformações no que se constituiu como solo para o nosso corpo.

A forma como a realidade político-econômica de uma sociedade afeta a subjetividade e o mundo psíquico dos indivíduos se dá, fundamentalmente, por meio da valorização de modelos de pensamento, da propagação de determinados repertórios de conduta, da criação e difusão de ideais que se incorporam ao senso comum para o estabelecimento de verdades que dão consistência ao imaginário de uma época. É o objeto que abriga esse imaginário, essa subjetividade, que se apropria o capitalismo, por meio da tecnologia: o corpo. O controle da sociedade sobre os indivíduos sempre começou pelo corpo. Foi no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista.

O corpo é o lugar privilegiado da subjetividade e se caracteriza como conjunto de possibilidades interligadas: como as experiências de prazer ilimitado, as práticas estéticas – resultante da união entre beleza e saúde -, a ‘limpeza social’ - com referência

¹ Trabalho apresentado ao NP 08– Tecnologias da Informação e da Comunicação, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, Porto Alegre, 2004.

² Renata Rezende é Professora Substituta do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Espírito Santo e aluna do Programa de Pós-Graduação (mestrado) da Universidade Federal Fluminense (UFF).

aos genes, órgãos e células do organismo -, o 'marketing' das partes do corpo, o esvaziamento da política, a inflação da publicidade e o novo vocabulário disseminado pela mídia, que tem como principal temática a tecnociência e a informação. As relações sociais baseadas na economia capitalista uniram diferentes tecnologias para a moldagem desses corpos e de suas subjetividades. O investimento permanente em tais ferramentas provocou discursos diversos, frutos de negociações entre "saberes, poderes e prazeres".

Na contemporaneidade, a questão não se trata apenas de formatar o corpo, mas de tematizá-lo, criando discursos para a construção de vínculos que possam legitimá-lo, com a intenção de desenvolver uma outra subjetividade: a do prazer associado ao consumo para a criação de um "corpo perfeito".

O corpo e suas relações capitalistas de consumo, associadas às tecnologias, produziram e continuam produzindo discursos para o desenvolvimento da história, não como simples narrativa dos acontecimentos, mas como produção de uma realidade biopolítica, porque tanto o corpo-máquina da modernidade, representado por um corpo molestado e sofrido, quanto o corpo-perfeito da contemporaneidade, representado pelo corpo "sarado" e sensual, são discursos de ordenamento da eficiência, que se apresentam como discursos sobre as necessidades humanas e suas satisfações. Discursos que reorganizam o espaço social sob a ordem do consumo no sistema industrial, tecnológico e de informação, como promessa de felicidade.

Se considerarmos que o capitalismo, desenvolvido nos fins do século XVIII e no início do século XIX, socializou um primeiro objeto que foi o corpo, enquanto força de produção e força de trabalho, talvez possamos chegar até a configuração da recente proposta de modelo de corpo, desejado e convocado pelas Novas Tecnologias de Comunicação e Informação: o corpo-digital.

A bricolagem do corpo às tecnologias começa a partir da adoção de um modelo comunicacional, baseado no paradigma capitalista, no âmbito da sociedade industrial. O processo de transformação do corpo humano biológico pela inserção de tecnologias remonta à concepção da arquitetura das cidades, que modela o indivíduo, adequando-o ao espaço físico disponibilizado e transformado por cada novo aparato que surge. No

entanto, a mutação do corpo que aqui destacamos não é mais apenas a transformação desse bios, mas a projeção de uma “outra” subjetividade e sua representação nesse contexto, desenvolvida em cada etapa do capitalismo.

Para chegarmos a essa “outra” subjetividade, destacamos a passagem das tecnologias de informação na sociedade, considerando-as como tecnologias de poder e partindo da hipótese de que três modelos de corpo e três discursos correspondentes a eles foram desenvolvidos, no período que contempla da Modernidade(pós-Revolução Industrial) à Contemporaneidade. Esses corpos podem ser caracterizados como corpo-máquina, bio-corpo e bit-corpo e correspondem, respectivamente, às três fases da sociedade capitalista: industrial, consumista e informacional. As tecnologias de poder aplicadas em cada uma dessas fases exprimem as formas sociais que produzem os corpos e lhes fornecem sentido, ou seja, estabelecem discursos que são internalizados como verdades.

Corpo Moderno: O Corpo-Máquina

Desde o fim do século XVIII, uma tecnologia de poder, chamada por Foucault (1976) de disciplinar, é introduzida na sociedade. Trata-se de uma técnica centrada no corpo, que produz efeitos individualizantes, manipulando o corpo como foco de forças para torná-lo útil e dócil ao mesmo tempo. Trata-se de a uma tecnologia do modo de produção industrial, que necessita conhecer esse corpo, mas concebendo-o de maneira individual, pois precisa potencializá-lo para torná-lo uma máquina produtiva. Precisa tratar esse corpo como meio de jamais interromper seu funcionamento, estando sempre atento para que não lhe escape; para que sua produção não pare.

Fábricas, escolas, hospitais, hospícios, prisões, entre outras instituições fundamentais à vida da sociedade industrial capitalista, estruturaram-se, tendo como lógica de funcionamento as técnicas e táticas oriundas desse processo de disciplinarização. Tal processo foi necessário à formação e à manutenção dos “corpos dóceis”, dos “corpos-máquinas”. Trata-se de corpos em que a sua “vontade” passa a ser a do sistema. Uma “vontade” quebrada, disciplinada e capturada. Assim, evidencia-se a articulação de uma nova relação entre o poder e os corpos. Os corpos transformam-se em máquinas e a elas se acoplam. São engrenagens para a produção e para a manutenção de uma sociedade que é desenvolvida para uma indústria de base. Cada corpo deve produzir mais valor do

que consome. Há uma força (o capital) que exige do corpo a superação de seu trabalho necessário, a fim de transformá-lo em trabalho excedente (mais-valia).

Historicamente, o capital foi baseado na soberania e no apoio de seus instrumentos de direito e de força, mas essas mesmas estruturas continuamente contradizem e obstruem, em princípio, a operação do capital. A sociedade disciplinar serviu, por um período histórico, como mediadora entre as forças imanentes do capital e o poder transcendente da soberania moderna. As instituições que constituíam essa sociedade funcionavam como passagens que canalizavam fluxos de forças sociais e econômicas, elevando-as em direção a uma unidade coerente, por isso a necessidade desse corpo-máquina.

Na passagem no século XIX para o XX, as estruturas e instituições que constituem a sociedade disciplinar (a fábrica, o hospital, a polícia, a escola, a família) progressivamente são desestruturadas. Esse definhamento pode ser captado em termos do declínio da dialética entre o Estado capitalista e o seu modo de produção e organização do trabalho, alterando, conseqüentemente, sua relação com o corpo. Isso porque quando uma sociedade se torna por demais industrial e suas práticas sociais não acompanham tal processo, ela acaba atrofiando-se e necessita “criar” novos aparelhos que a faça persistir. Então, é hora de transformar esse corpo-máquina em um corpo para além da produção. É preciso potencializar esse corpo para torná-lo, além de produtor, sobretudo, consumidor.

Na sociedade disciplinar, as subjetividades eram produzidas de forma padronizada em cada tipo de “fábrica” que moldava o corpo-máquina: o detento, o operário, o estudante, o doente. Cada um desempenhava um papel específico em uma “máquina específica”, produzida em massa, e, portanto, substituível por qualquer parte do seu tipo. Entretanto, quando essas instituições passam a representar um obstáculo para a progressão do capital em direção à mobilidade e à flexibilidade associadas às novas tecnologias disponíveis e à sociedade de consumo, elas progressivamente declinam e dão lugar ao nascimento de outros dispositivos que possam produzir subjetividades híbridas, mas sem perder de todo sua lógica disciplinar, ou seja: é o detento mesmo fora da prisão; o operário, mesmo fora da fábrica; o estudante, mesmo fora da escola; o doente, mesmo fora do hospital. Mesmo fora das instituições disciplinares, esse corpo se controla, ainda mais intensamente.

A reivindicação por um trabalho mais interessante, criativo, imaginativo obrigou o capitalismo, através de uma reconfiguração técnico-científica em curso, a exigir dos corpos um empenho integral, uma implicação mais pessoal, uma dedicação mais efetiva. Assim, a intimidade dos corpos, sua vitalidade, inventividade e capacidade de estabelecer conexões passam a ser cobradas como elementos indispensáveis na nova configuração produtiva: a configuração da sociedade de consumo. Isso implicou um desmanche das estruturas rígidas, hierárquicas e autoritárias herdadas do modo de produção industrial (do *fordismo* ou do *taylorismo*), para resultar em um funcionamento mais aberto, flexível, atendendo assim a toda a crítica do trabalho massificado e homogeneizador da sociedade disciplinar. Em uma nova sociedade, esses corpos precisam ser mais do que meras máquinas. É preciso, além de conhecer o corpo, conhecer a vida. Mais do que produtores, eles precisam se tornar consumidores.

Entendemos a sociedade de controle, em contraste, como aquela que se desenvolve nos limites da modernidade para a contemporaneidade, na qual os mecanismos de controle se tornam cada vez mais “democráticos” e imanentes ao campo social, em uma distribuição efetiva nos corpos dos sujeitos. Os comportamentos de integração ou de exclusão são cada vez mais interiorizados e o poder passa a ser exercido mediante máquinas que organizam diretamente o cérebro em sistemas de comunicação e redes de informação, e os corpos em sistemas de bem-estar e atividades autocontroladas. Dessa forma, a sociedade de controle pode ser caracterizada por uma intensificação dos aparelhos de normalização que animam internamente nossas condutas diárias e comuns, mas, em contraste com a disciplina, esse controle se estende para além dos locais estruturados, nas instituições sociais, por meio de redes flexíveis e flutuantes.

Na passagem da sociedade disciplinar para a sociedade de controle, um novo paradigma de poder é realizado, o qual é definido pelas tecnologias que reconhecem a sociedade como o “reino do biopoder”. Assim um novo modelo de corpo é desenvolvido para dar conta de uma nova situação. A ciência do século XXI decifra o código genético e entra na era das chamadas biotecnologias. O “homem-genoma” assume a sucessão do “homem-máquina”, e essa transição implica relações entre saber e poder, ainda mais mobilizadas no controle, na modificação, na produção e na reprodução da vida. Além do corpo, a própria vida assume o centro das intervenções, pois, no regime do biopoder, os

corpos “necessitam” ir além de sua maquinaria de produção, ou seja, eles precisam produzir a si mesmos, para um consumo mais efetivo.

Corpo-Mais-Que-Moderno: O Bio-Corpo

O desenvolvimento das tecnologias de informação sobre nossos corpos altera nossa relação com a saúde, com o sofrimento, com a vida, com a morte e com nós mesmos. A farmacologia passou a oferecer um leque cada vez mais amplo e variado de remédios que aliviam a dor e, por vezes, a fazem desaparecer. O bem-estar do corpo torna-se um valor permanente. A medicina nos tornou mais responsáveis por nossa saúde corporal, nos forneceu mais poder de controle sobre nossos corpos e assim tornamo-nos escravos de nossos corpos, à medida que um grande número de patologias tende a variar de acordo com nossas decisões.

Responsáveis pela saúde e pela aparência de nosso corpo, podemos transformá-lo, por meio de exercícios, regimes, drogas ou excessos, porque descobrimos a medida de sua plasticidade. O sucesso da medicina e do fisiculturismo nos transformou em uma espécie de criadores de nossos corpos. Mas essa “criação” é homogênea, conforme padrões definidos pela ciência, e está submetida à lógica da fabricação do *homo faber*, matriz das bio-identidades. O resultado é a constituição do *homo medicus*, da imagem do “corpo perfeito”. Dá-se a transição do “homem-máquina” ao “homem-genoma”, do corpo-máquina ao bio-corpo. Manipulados pela genética, os corpos “válidos” incorporam os padrões de beleza e eficiência exigidos pela sociedade capitalista ocidental.

Esse controle sobre nosso corpo também se trata de uma disciplina, só que visa menos à saúde do que à ilusão de saúde. A aparência é o que conta, como testemunha a longa lista de doenças decorrentes da procura do corpo perfeito: artrite degenerativa, cirroses, hipertensão, problemas cardiovasculares, ortorexia nervosa. É nesse momento que as formas se misturam, se fragmentam, tornam-se virtuais, tendem ao desaparecimento, gerando fantasmas mais que corpos. Não é mais apenas o corpo que interessa ao capitalismo, mas a imagem desse corpo.

Na seqüência ao “homem-genoma”, ao bio-corpo, poderemos falar então do “homem-imagem”, do corpo-imagem, em um movimento que, em um primeiro momento, parece contrário ao do século XIX, quando as ciências humanas desejavam recortar o corpo, esquadrinhá-lo para melhor conhecê-lo. Nesse momento, em que as ciências já dominam esse corpo e as subjetividades humanas já estão “conscientes” de sua importância como “valor”, esse corpo se torna informação codificada e voltamos às imagens. A diferença é que, agora, ele não é apenas o corpo produtor, ou corpo-máquina; também não é o corpo-perfeito da sociedade de consumo, o bio-corpo; ele é seu próprio produto de consumo: é o bit-corpo, o corpo imagem, o corpo informação.

Segundo Simondon (1958), “o ser vivo resolve problemas, não apenas adaptando-se, ou seja, modificando sua relação com o meio (como uma máquina pode fazer), mas modificando-se ele mesmo”, inventando estruturas internas novas, introduzindo a si mesmo, inteiro, no centro dos problemas vitais. A imagem torna-se aqui “sujeito”, ou melhor “autor” ou “ator”. Essa noção está muito próxima da chamada ontogênese, um “pôr em obra” da forma do ser vivo (Simondon, 1958). Quando a forma do ser vivo, de seu corpo, já sofreu as possíveis práticas para sua formatação, quando já se tornou bio-corpo, é o momento de investir em novas práticas, que, na contemporaneidade, têm um correlato no domínio da produção de imagens. Imagens do corpo.

A imagem ganha características do ser vivo, inserindo-se no que poderíamos chamar de um “teatro da individuação”, uma autoprodução da imagem por metamorfose, transformação de um corpo que já não é mais carne. O homem que se apropriou de um corpo perfeito, de um bio-corpo, agora volta a cultuar as imagens, mas não como um secreto vetor de acesso a uma realidade transcendente, a uma supra-realidade, pois nesse sentido, o que o homem percebia e contemplava através dessa imagem era a existência de um outro mundo, de um outro plano de realidade, raramente visto (Benjamin, 1985). Há agora um outro valor: o valor de exposição, por meio do qual o homem percebe um outro tipo de imagem, fotográfica e cinematográfica, como presença dessacralizada que se expõe porque se constitui como instrumento de acesso a este mundo, a uma realidade imanente e continuamente transformada pela técnica, considerada como uma “segunda natureza”. Confirmamos, assim, a perda da realidade transcendente e o ganho da realidade imanente; isto é: perde-se o acesso ao mundo para se aceder a um outro mundo, até então desconhecido, que paradoxalmente é o nosso próprio mundo. Eis o

que o capitalismo faz do corpo: ele o delimita como aparelho fisiológico adequado para o consumo de um mundo preexistente de imagens, na contemporaneidade, um mundo de imagens digitais.

Se a sociedade industrial tornou dominante, por todo o século XIX, a metáfora do corpo-máquina, a sociedade de informação trata, já na segunda metade do século XX, o corpo como imagem: o bit-corpo.

Corpo Contemporâneo: O Bit-Corpo

O modelo industrial, a linha de montagem, com suas séries, repetições, homogeneização, que produziu um pensamento, uma cultura e uma estética moderna se modifica e abre lugar a uma problematização do maquínico e do vivo, criando modelos tecnobiológicos que funcionam como novos paradigmas para a ciência, o pensamento e para a produção de um outro modelo de corpo. Desencadeando o movimento de naturalização tecnológica da imagem, o homem visa a obter um duplo cada vez mais conforme seu “referente” (corpo-perfeito), dotado das mesmas características e tornado, assim, substituível e experimentável.

Na sociedade de controle, o que se desenha é um poder de conexão entre os corpos, por meio de uma navegação mais aberta dos mesmos que vai se configurar, mais tarde, em um corpo ainda mais potente, o corpo necessário à lógica do capitalismo de rede, ou da sociedade informacional. Além de o corpo ser produtor e consumidor, chega o momento em que ele precisa ser mais: precisa ser informação codificada em imagem. Isso porque o ideal do corpo contemporâneo é o de se tornar o mais enxuto possível, o mais leve possível, adquirir o máximo de mobilidade e conexões úteis, o máximo de informações, a fim de poder atentar para os projetos mais pertinentes, com duração infinita para a vida, mas finita para cada tipo de situação. Ou seja, é preciso estar sempre disponível para novos convites, propostas e outras conexões: “A própria figura do empreendedor capitalista já não coincide com aquele que acumula tudo, capital, propriedades, família – ao contrário, é aquele que pode deslocar-se mais, de cidade, de país, de universo, de meio, de língua, de área, de setor” (Pelbart, 2003, p.97).

Assim, o corpo precisa transformar-se em informação. Sua imagem é sua essência; o seu passaporte para o sucesso, sua aparência. O mundo da conexão é rizomático, sem identidades e, por isso, precisa de um corpo adequado para viver em uma “cultura de sensações”.

Cada modo de desenvolvimento é definido pelo elemento fundamental à promoção da produtividade no processo de produção. Assim, no modo informacional de desenvolvimento, a fonte de produtividade encontra-se na tecnologia de geração de conhecimentos, de processamento da informação e de comunicação de signos. Na sociedade da informação, quem detém a tecnologia detém o poder de representar; conseqüentemente, detém o poder. Na verdade, conhecimentos e informação são elementos cruciais em todos os modos de desenvolvimento de determinada sociedade, visto que o processo produtivo sempre se baseia em algum grau de “saber”. Contudo, o que é específico ao modo da sociedade da informação é a ação de conhecimentos sobre os próprios conhecimentos como principal fonte de produtividade.

O que muda na passagem de uma sociedade para outra é a maneira como o sistema tende a administrar esse poder, nesse momento por meio de uma sociedade de rede, uma sociedade de comunicação; nesse contexto, o corpo torna-se matéria-prima para esta sociedade: transformando-se em informação, o corpo abre-se a todas as formas de consumo.

O processo da valorização do corpo através dos tempos acompanha a valorização da imagem de uma época de iconodulia, relacionada ao culto e à representação das imagens de pessoas santas, para outra época, de iconoclastia, contrária à primeira. Desde o momento em que a imagem passa a se reproduzir, ela passa a reproduzir o sujeito: a imagem na era da sua reprodutibilidade técnica é a imagem na era da automatização do sujeito. A imagem contemporânea, digital, se coloca ao lado da tecnociência como forma de estabelecer sua sujeição. Ela envolve o sujeito em um mundo paralelo, pois o corpo contemporâneo não é apenas veículo de aparência, mas lugar de fascínio, sedução, experiências que celebram nosso prazer. A situação do corpo, e de suas atuações perceptivas e motrizes, está prevista no programa da sociedade capitalista da informação, construindo um corpo para empenhar suas funções sensoriais-motores na resposta a contextos virtuais de ação e percepção. A

transformação do corpo em imagem acarreta sua degradação e obsolescência corporal. O antigo corpo não serve mais à nova organização do capital.

O corpo dessa nova sociedade é o da rede, da complexidade, do mundo reticulado. É o corpo da mobilidade, que atravessa fronteiras geográficas, culturais, profissionais, hierárquicas, capaz de estabelecer contatos pessoais com atores dos mais diferentes. O corpo torna-se informação e, assim, torna-se imagem. Novamente, voltamos então ao problema do controle: como controlar o incontrolável, ou seja, como controlar um corpo que já não é mais carne, mas sim imagem, informação?

Consideramos esse movimento uma nova passagem, só que dessa vez do controle ao autocontrole, o que não significa que, anteriormente, esse autocontrole não existisse. Ele prevalecia, mas agora foi intensificado; os corpos tornam-se mais responsáveis pelo processo produtivo como um todo. Os novos dispositivos, os novos “aparelhos de controle”, penetram mais profundamente na interioridade das pessoas, das quais esperam que se “entreguem” a seu trabalho, tomando possível uma instrumentalização mais intensa dos corpos, no que eles têm de “propriamente mais humanos”. Os poderes, saberes e prazeres de cada corpo serão regulados e vigiados por si, em um espelho do outro.

Nessa transição, mais uma reviravolta: os aspectos mais humanos do corpo, seu potencial, seus afetos, sua interioridade, que antes se localizavam fora do ciclo econômico produtivo, tornam-se matéria-prima do próprio capital, tornam-se o próprio capital. O que antes pertencia à esfera privada passa a ser requisitado também na produção. Há uma impressão de certa “liberação” do próprio capital, de sua fronteira antes restrita, mecânica e pesada. O capital pode agora, no ciclo produtivo, mobilizar o homem por inteiro, sua “vitalidade mais própria”, sua “alma”, estando assim em todas as partes. Em todo o corpo. Na vida. A vida é o projeto do capital.

Na sociedade de informação, os corpos têm o desejo de se conectarem, de entrarem em relação, de fazerem ligações, de não ficarem isolados, o que exige confiança, comunicação, flexibilidade, atividade, autonomia e riscos. Essa conexão não parece apontar para um bem coletivo, mas para um fim em si. Somente por meio dessa comunicação nos adaptamos à sociedade informacional. Em um “mundo de rede”, o

capital econômico, social (capital de relações) e capital de informação são correlatos. Esse capital necessita de corpos que coloquem valor em sua presença: não é o mundo real, mas a maneira de inventar o mundo possível que aqui interessa, e não apenas uma perspectiva estética, mas também política. Trata-se de uma produção que permite o funcionamento de uma economia cognitiva oculta e não reconhecida; a condição do novo tipo de riqueza. O que importa é o seu capital de experiências e os diversos mundos que ele atravessa, a sua adaptabilidade: “o corpo-rede faz do homem um híbrido” (Couchot, 1990).

A luta pela supressão de instâncias transcendentais foi a estratégia que o capitalismo utilizou para tornar-se mais imanente. Diante das críticas à sociedade disciplinar, o capitalismo “endogeneizou” as reivindicações por autonomia e por responsabilidade até então consideradas como subversivas, conseguindo instaurar a sociedade de controle, por meio de um poder mais efetivo dos corpos: o biopoder. Na contemporaneidade, esse controle é intensificado, potencializado. A apropriação mais efetiva das subjetividades faz o controle tornar-se autocontrole. A mudança na organização do trabalho permitiu virar a balança do poder, na formação de um corpo não apenas produtivo e consumista, mas também de um corpo em que sua própria essência é produção: sua informação.

Na sociedade da informação, na sociedade de rede, o capitalismo mercantilizou o desejo, sobretudo o desejo de libertação da carne, o desejo de libertação de um “corpo obsoleto”, e assim o recuperou e o enquadrou novamente, em forma de imagem. Na sociedade contemporânea, o capitalismo produz além do corpo-máquina e do bio-corpo, um corpo que já não comporta apenas o desejo de consumo, mas é o próprio consumo.

Na era do acesso à informação ocorre, portanto, uma mudança de perspectiva que traz para o centro da atividade econômica o controle do tempo do corpo-consumidor. Esse corpo não é mais um alvo do mercado, ele torna-se o próprio mercado, cujo potencial é preciso conhecer e processar. É preciso vigiá-lo, controlar os consumidores e monitorar as potencialidades de cada uma das dimensões de sua vida, tornando-se uma exigência do próprio processo, impondo a coleta e o tratamento de informações. Na “nova economia” a própria existência do corpo é posta em questão. Os que processam a vida descendo a níveis microscópicos não o concebem mais como um bios, mas sim como gerador de padrões informacionais que é preciso manipular.

O capitalismo passa a transformar o não-capitalizável em capital, não só paisagens, mas maneiras de ser, de fazer, de ter prazer, de ter “atitude” e é nisso que consiste sua inventividade: é a intuição de antecipar os desejos humanos, ou produzi-los e formatá-los, com a importância crescente dos investimentos tecnológicos. Abre-se uma nova forma de mercantilização que incide sobre a “criação” da própria experiência, da própria vida.

Na modernidade, as tecnologias que recortaram, que esquadriharam e estudaram o corpo promoveram uma transformação das imagens desse corpo em palavras. O corpo é objeto passível de ser descoberto, decodificado. No século XXI, essas tecnologias parecem apontar para uma inversão do processo, no sentido de que transforma esse mesmo corpo em imagens, por abominá-lo, considerá-lo obsoleto diante das novas tecnologias da ciência da informação. Quando já se domina o saber sobre esse corpo, voltamos à sua imagem. Um corpo à altura dos desafios contemporâneos só pode ser uma estrutura biônica indiferente às antigas formas humanas, sendo assim: “adeus à carne!”

O corpo informação é o corpo que atinge a uma “perfeição estabelecida”, é aquele imune à doença, à morte, à deficiência física. Ele representa um mundo sem a espessura da carne, dando reviravoltas no espaço e no tempo de maneira que seu peso não impeça seu avanço. O bit-corpo (corpo-imagem) se dissolve em um universo de dados que nada pode deter. A sociedade da informação, da velocidade, a sociedade de rede se tornou o sistema nervoso dos corpos que não podem mais estar fora dela e que sentem apenas desdém por sua antiga forma, a qual, no entanto, sua pele permanece colada.

O deslocamento do atual para o virtual é fruto de uma sociedade da informação que digitaliza os sentidos e as atividades humanas. O “novo capitalismo” do universo da informação, parece considerar tudo o que existe na natureza e na cultura como matéria-prima sem valor intrínseco, passível de valorização apenas através da reprogramação e da recombinação. É como se o materialismo histórico tivesse chegado a seu estado terminal e agora houvesse a necessidade de reconstruir o mundo por meio da capitalização do virtual.

Frederic Jameson (2000) observou em seu livro *Pós-Modernismo, ou a Lógica do Capitalismo Tardio* que o capitalismo estava penetrando no inconsciente e na natureza e colonizando-os; mas agora ele parece investir sobre toda a criação, não só na criação do corpo, mas na criação de uma imagem digital desse corpo. Assim, a nova economia parece apropriar-se não apenas da dimensão da realidade virtual do corpo, mas também, e talvez principalmente, da dimensão virtual da realidade do corpo.

Continuamos a construir esse corpo novo, a conhecê-lo pela força e a explorá-lo pelas imagens. Entrecortado por múltiplas constrictões necessárias, ele passa do impossível ao leque aberto de todos os possíveis. Habita esse potencial e essa nova contingência. Surge aqui, virtual, segundo uma definição sem fim nem fronteiras, por isso também contraditória, mas inteiramente entregue ao poder e às capacidades. Tudo começa. Novamente.

Quando a medicina, a farmácia, as políticas de saúde, as tecnologias de controle e de trabalho, as tecnologias de comunicação avançam suas possibilidades em um agir sobre o corpo, podemos colocar a questão: o que é o corpo contemporâneo? Ele não existe, pois vive inteiramente na modalidade do possível? Temos a impressão de que apenas uma lógica permite apreendê-lo: ele sai da necessidade para entrar no possível, daí a definição de que o corpo está se tornando um virtual encarnado.

Assim, podemos recorrer a Lyotard (1989) quando ele afirma que “o capital não governa o conhecimento da realidade, mas ele dá realidade ao conhecimento”, compreendendo que o capital talvez não seja mais que um meio de investimento dessa sociedade. O que parece estar em jogo é a substituição do conhecimento fenomenológico da realidade do corpo por uma “realidade” objetiva do conhecimento desse corpo, sua apropriação como bem, como um “saber, poder e prazer” vital à sociedade capitalista.

É preciso deixar claro que a sucessão dessas tecnologias de poder não se dá por simples substituição, mas antes por complexificação e deslocamento dos centros de interesse capitalistas. Não se trata, portanto, de finalizar etapas, mas de articulá-las, conectá-las para tentar explicar os fatores que concorreram para a construção do panorama em cada época para se chegar a atual formatação do corpo contemporâneo.

As tecnologias da comunicação e da informação, que acompanham o desenvolvimento do capitalismo, parecem apontar para uma intensificação do controle humano, controle do corpo, característico das sociedades moderna e contemporânea, que revelam claramente sua qualidade “produtiva”. São jogos de poder que criam saberes, induzem ao consumo e suscitam discursos, apontando cada vez mais para a produção de novos modos de subjetivação, novas formas de pensar, de sentir, de consumir, de comunicar. Enfim, novas maneiras de ser.

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. O mal-estar da pós-modernidade. **Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1998.**

BENJAMIN, Walter. Magia e Técnica, arte e política – Obras escolhidas, vol.1, trad. de Sergio Paulo Rouanet. **São Paulo: Brasiliense, 1985.**

BERGSON, Henri. Matéria e memória. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. **São Paulo: Martins Fontes, 1990.**

COUCHOT, E. *Boîtes Noires, in Technologies et Imaginaires*, M. Klonaris, K. Thomadaki, dir. **Paris: Dis Voir, 1990.**

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. **Paris: Les Éditions de Minuit, 1986.**

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. **3. vol. São Paulo: Editora 34, 1999.**

DOMINGUES, Diana. A arte no século XXI: a humanização das tecnologias. **São Paulo: Unesp, 1997.**

FOUCAULT, Michel. A verdade e as formas jurídicas. **Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, Departamento de Letras, 1975.**

_____, **Michel.** Vigiar e Punir: história da violência nas prisões. **Petrópolis: Vozes, 1976.**

_____, **Michel.** História da sexualidade: a vontade de saber. **São Paulo: Graal Editora, 1979.**

_____, **Michel.** Microfísica do Poder. **Rio de Janeiro: Graal, 1979.**

_____, **Michel.** História da sexualidade: o uso dos prazeres. **São Paulo: Graal Editora, 1984.**

_____, **Michel.** História da sexualidade: o cuidado de si. **São Paulo: Graal Editora, 1984.**

_____, **Michel.** “Aula de 17 de março de 1976”, in *Em Defesa da Sociedade*, curso no Collège de France (1975-1976). **São Paulo: Martins Fontes, 1999.**

_____, **Michel.** As palavras e as coisas. **São Paulo: Martins Fontes, 2001.**

GIDDENS, Anthony. As consequências da modernidade. **São Paulo: Unesp, 1990.**

JAMESON, Fredric. Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio. **2.ed. São Paulo: Ática, 2000.**

LE BRETON, David. Entrevista. “A sociedade vê no corpo um rascunho a ser corrigido” in ciclo de palestras *O Futuro do Futuro, Cidade do Porto, Portugal, 2001.*

LYOTARD, J.F. A condição pós-moderna. **Lisboa: Gradiva, 1989.**

MARX, Karl. “*Die heilige Familie*” (1953), in *O Homem-Máquina: a ciência manipula o corpo.* **São Paulo, 2003.**

NOVAES, Adauto (org.). O homem-máquina: a ciência manipula a vida. **São Paulo: Companhia das Letras, 2003.**

ORTEGA, Francisco. Michel Foucault: os sentidos da subjetividade (2001), in *Imagens de Foucault e Deleuze*, Rago, Margareth, Orlandi Luiz B. Lacerda e Neto, Alfredo (orgs.). **Rio de Janeiro: DPA, 2002**

_____, **Francisco.** Da ascese à bio-ascese: ou do corpo submetido à submissão ao corpo, in *Imagens de Foucault e Deleuze*, Rago, Margareth, Orlandi Luiz B. Lacerda e Neto, Alfredo (orgs.). **Rio de Janeiro: DPA, 2002.**

PARENTE, André (org). Imagem máquina – a era das tecnologias do virtual **2.ed.** **Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.**

PELBART, Peter. Vida Capital: ensaios de biopolítica. **São Paulo: Luminuras, 2003.**

RICOEUR, Paul. Tempo e Narrativa (tomo1). **Campinas, SP: Papirus, 1994.**

SÁBATO, Ernesto. Homens e engrenagens: reflexões sobre o dinheiro, a razão e a derrocada de nosso tempo. **Campinas: Papirus, 1993.**

SENNET, Richard. A corrosão do caráter. **Rio de Janeiro: Record, 1999.**

_____, **Richard.** Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental **Rio de Janeiro: Record, 1997.**

SFEZ, Lucien. *La santé parfaite: critique d’une nouvelle utopie.* **Paris: Seuil, 1996.**

SERRES, M. Esclarecimentos. **São Paulo: Unimarco, 1998.**

SIBILIA, Paula. O Homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais. **Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.**

SIMONDON, Gilbert. *Du mode d’existence des objets techniques.* **Paris: Aubier, 1958.**

VILLAÇA, Nízia. Em pauta: corpo, globalização e novas tecnologias. **Rio de Janeiro: Mauad: CNPq, 1999.**

